

O ENSINO DE LÍNGUAS

O TRABALHO DO PROFESSOR DE ESPANHOL INSTRUMENTAL: INCENTIVADOR DA LEITURA OU REPRODUTOR DE ESTRUTURAS GRAMATICAIIS?

Antonio Ferreira da Silva Júnior (CEFET/RJ)

Este trabalho tem por finalidade relatar as atividades desenvolvidas na disciplina *Supervisão da Prática de Observação* realizada durante o período de maio a novembro de 2005 no Curso de Especialização em Língua Espanhola do Instituto de Letras/UERJ.

Com a finalidade de adquirir maiores conhecimentos no processo de ensino/aprendizagem da leitura no nível superior realizamos o estágio na disciplina de Língua Espanhola Instrumental nas turmas de Graduação de Direito no transcurso do qual foram desenvolvidas atividades envolvendo professores, estagiários e alunos com o objetivo de formar e informar profissionais de qualidade.

O objetivo principal da disciplina de Supervisão é a aquisição, por parte do estagiário, do conhecimento prático e real do processo de ensino da leitura em língua estrangeira, segundo o modelo sociointeracional (Kleiman, 2000), já que através dessa prática, o professor/estagiário adquirirá a confiança e as ferramentas necessárias para que possa desenvolver em suas turmas um trabalho produtivo e gratificante tanto para ele mesmo quanto para seus alunos.

Nas páginas a seguir analisaremos o trabalho realizado pelo professor das turmas caso, no decorrer do estágio, a partir das anotações recolhidas durante o período de observação e das respostas da entrevista fornecida pelo professor regente das turmas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em maio de 2005, demos início ao estágio de Língua Espanhola Instrumental em duas turmas da Graduação de Direito de uma Instituição Pública de ensino superior, onde teríamos que cumprir 36 horas de acompanhamento da prática docente, seja em sala de aula ou de outra forma que pudesse contribuir ao trabalho realizado pelo professor regente da turma. O estágio desenvolveu-se no decorrer de dois semestres letivos em turmas bem heterogêneas, onde encontramos alunos de classes sociais, faixa etária, sexo e conhecimento de mundo diferentes.

Para entender esta prática em sala de aula, contamos com a ajuda e vivência de uma professora supervisora do estágio, que com seu conhecimento nos preparou de antemão para perceber que os alunos do ensino superior também trazem muitas carências ainda não resolvidas pela escola. Além disso, em nossos encontros com a professora supervisora do estágio discutíamos quais seriam as funções do estagiário na sala de aula de leitura, principalmente, quais eram os objetivos a serem alcançados no decorrer da carga de estágio obrigatória. Ainda podemos acrescentar outras discussões do tipo: como os alunos recebem os conhecimentos da língua estrangeira através da competência leitora? Quais são as formas encontradas pelo professor regente de turma para dar vida a tais conteúdos? Como o professor pode ser criativo e motivador ao preparar aulas de leitura?

Antes de iniciar diretamente tal prática pedagógica nas turmas caso, tivemos primeiro nas aulas do curso de Especialização contato com textos que nos atentavam para certas experiências e orientações do desenvolvimento das técnicas e estratégias de leituras, de modo que facilitasse o processo de compreensão da leitura de um texto e gerasse nos alunos certo olhar crítico diante da sociedade em que se encontram.

Várias foram as disciplinas do curso de Especialização em Leitura que atentaram para essa conscientização do profes-

O ENSINO DE LÍNGUAS

sor como meio de gerar a ideia de trabalho que envolva aluno, texto e autor, permitindo um diálogo entre esses três elementos. Dessa forma, o aluno é capaz de atribuir e negociar sentidos para o que se propõe a ler.

Através de nossas leituras, buscamos avaliar na prática de observação se realmente um determinado sujeito conseguiria compreender um texto na língua estrangeira, no nosso caso o espanhol, sem mesmo nunca ter escutado, visto ou estudado tal língua antes. Comprovamos que a maior parte dos alunos já trazia um conhecimento em relação à língua espanhola, permitindo que desenvolvesse mais outras competências discursivas.

A proposta inicial do curso seria a de levar esses alunos a relacionar o conhecimento de mundo individual com o do outro e o universo de possibilidades revelado a partir da leitura de um texto na língua estrangeira, onde deveriam ser capazes de não só decodificar ou traduzir as ideias apresentadas ao longo dos parágrafos, mas sim colocar em prática um diálogo com diferentes saberes acumulados no decorrer de suas vidas. Ressaltamos a ideia original da ementa da disciplinas, porque notamos que na prática o foco de trabalho do professor se dispersou para um trabalho mais voltado para o desenvolvimento da competência linguística.

Quando o docente desenvolvia um trabalho voltado somente para a compreensão leitora, esse não se dava de maneira crítica e uniforme, pois os sujeitos não eram capazes totalmente de separar as informações principais e secundárias de um texto, ou seja, deixavam transparecer falhas deixadas pela escola no desenvolvimento das habilidades leitora e escrita e, às vezes também, uma falta de interesse pessoal pela prática da leitura. Percebemos que os alunos precisavam ser orientados para encontrar caminhos e possibilidades de leitura para o material analisado. Além disso, notamos em certos momentos a falta de experiência leitora quando o aluno não conseguia rela-

cionar o material fornecido na língua estrangeira ao conhecimento de mundo já adquirido.

Em tal prática de observação, no nível superior de ensino, notamos uma diferença entre a teoria aprendida (digamos pela parte de como deve ser trabalhada a leitura em sala de aula, a inferência de sentidos e a construção de ideias, o planejamento realizado pelo docente, a motivação sempre presente através da escolha dos textos selecionados e o modo de como o professor avaliará os seus alunos) e a prática de ensino desenvolvida pelo professor regente. O relacionamento entre professores e alunos favorecia sempre um ambiente propício para a descoberta de novos saberes. Na maioria das aulas observadas, o professor regente não conseguia orientar seus alunos para um novo tipo de trabalho com a leitura, consequentemente, não lhes geravam um novo olhar para o texto. Cabe ressaltar que propunha um trabalho com diferentes diversos gêneros discursivos, porém não conseguia explorar os elementos e a estrutura tipológica dos mesmos.

A forma como o docente apresentava o trabalho de leitura do texto se chocava com as premissas que ditam o trabalho com a leitura interativa, como por exemplo: esquecia de realizar um trabalho de análise de títulos, como a não articulação destes aos parágrafos, a falta de exploração da fonte do texto, ou ainda, não conduzia o aluno na construção de sentidos, dando pistas e/ou instigando até que o mesmo conseguisse descobrir o significado de um vocábulo. Simplesmente, o professor substituíam tais procedimentos por simples traduções literais das palavras destacadas pelos alunos ou já fornecia sua leitura pronta do texto e explorava os elementos gramaticais. Dessa forma como queremos formar sujeitos críticos? O professor seria um mero reproduzidor de saberes ou deve ser um formador de opiniões?

Outra questão que num primeiro momento nos pareceu descontextualizada aos objetivos de um curso de leitura, foi a

O ENSINO DE LÍNGUAS

questão de propor aos alunos, exercícios estruturalistas retirados de livros didáticos, que contemplavam questões relacionadas ao emprego de alguns tempos verbais em espanhol e o fato de que em alguns momentos a exposição de conteúdos dava-se na própria língua estrangeira. Qual seria a relevância do espanhol oral em um curso onde o foco era a leitura? Por que ensinar estruturas gramaticais? Onde estaria o trabalho com a gramática textual? Já que o objetivo possivelmente fosse trabalhar com os verbos, por quê não trabalhar com os valores semânticos dos tempos dentro do texto? Pensamos que esta questão de mostrar aos alunos os paradigmas verbais poderia ser interessante quando se quer trabalhar outra destreza que não seja a leitura e, que também dependerá dos objetivos do aluno para com a disciplina ou para com os seus interesses.

Outro ponto que merece atenção é o fato que o professor ao planificar uma determinada proposta de trabalho, escolha de textos e/ou exercícios não pode deixar de levar em consideração o público a que se propõe a atividade planejada, bem como quais são os objetivos explícitos ou implícitos que tal proposta contém.

Os alunos das turmas caso, graduandos de Direito, se deparavam com textos não autênticos e atividades não pertinentes a sua área de atuação e muitas dessas tarefas empregavam uma linguagem voltada para alunos do Ensino Médio. Muitas atividades pareciam fáceis de serem realizadas, gerando por parte de alguns o desinteresse pela matéria. Não defendemos que os alunos de Direito devam ler somente textos relacionados às leis, processos e outros textos técnicos, mas sim acreditamos que um trabalho com textos pré-selecionados da área de Humanas estaria mais adequado a estes sujeitos, que são capazes de oferecer um potencial maior do que lhes é exigido. Alguns fatores podem explicar a não adequação do trabalho do professor regente à proposta inicial do curso, entre eles, destacamos, a falta de tempo do professor para preparar

aulas com textos mais próximos à realidade sociocultural dos alunos, a utilização dos materiais produzidos pelos estagiários, a falta de uma reflexão das necessidades de um aluno de espanhol para fins específicos etc.

Notório destacar que se comparamos a seleção de textos do primeiro semestre letivo para o segundo, encontramos uma diferença significativa em alguns textos selecionados para o trabalho neste último semestre, o que também se explica pela utilização de uma apostila com uma teoria resumida para os alunos sobre o passo a passo dos conteúdos que aprendiam e com exercícios de compreensão leitora com textos de diferentes gêneros e tipologias.

Outro elemento aliado à observação das aulas foi a realização de uma entrevista com o docente das turmas caso. Pensamos nesse recurso como forma de comprovar as hipóteses levantadas no decorrer do estágio. Dessa forma, realizamos, em novembro de 2005, a entrevista com o professor regente, graduado pela própria instituição onde lecionava como professor substituto e, que no decorrer da sua formação acadêmica teve contato com as teorias da leitura interacional, porém não de maneira tão profunda, conforme relatado pelo próprio. Sendo assim buscou mecanismos e suportes teóricos para poder transmitir tais conceitos a seus alunos.

Por meio de suas palavras evidenciamos um nítido desejo de levar o alunado a compreensão das técnicas que os mesmos, em muitos dos casos, já aplicam na leitura de textos em língua materna, porém que não se dão conta quando o assunto é a leitura de um texto numa outra língua que não a sua. Percebemos que ensinar uma língua estrangeira é permitir que o aluno conheça a cultura, os hábitos e os costumes do outro, sendo a linguagem um mecanismo fundamental para caracterizar a essência do indivíduo, e neste ponto a leitura se insere como um instrumento que permite o próprio sujeito desvendar aos poucos esse novo universo, que ganha vida e destaque a

O ENSINO DE LÍNGUAS

partir da descoberta do sentido das palavras. Nesse ponto, está o leitor crítico, aquele que pretendemos formar, sujeito capaz de ler nas entrelinhas de qualquer discurso.

Segundo o docente, o fato do trabalho em turmas heterogêneas dava-se de modo mais produtivo, já que a maior parte dos alunos discutia as questões levantadas pelos textos e, era notório que cada um respondia ou argumentava conforme a sua bagagem cultural, logo de leitura, que continuará sendo intensificada no decorrer das experiências individuais. Entretanto comenta que alguns enfoques eram bem recebidos por tais alunos, sendo temas como política, sociedade, economia e comportamento os que mais motivavam para o debate. Quando questionado sobre o trabalho com exercícios gramaticais e o uso da língua espanhola em sala, o docente afirma que a utilização de exercícios descontextualizados seria uma forma de levar o aluno a praticar estruturas básicas da língua espanhola, já em relação ao uso do espanhol, o docente entende como uma forma de treinar a percepção auditiva do aluno, auxiliando-o na construção de sentidos sonoros para um texto. Seriam essas práticas realmente pertinentes num trabalho de ensino de língua instrumental para a leitura?

Estas são questões que a prática em sala de aula nos levou a refletir e buscar respostas, mas o evidente é que cada grupo de alunos é único, as soluções e estratégias adotadas para certo grupo, nunca podem ser iguais às pensadas para outro. Estamos numa área onde o professor lida com seres humanos, e cada um, portanto, possui sua personalidade, que o faz agir e reagir de diferentes modos.

A constante experimentação deve estar aliada e pensada junto às discussões teóricas propostas no decorrer da formação do docente que as faz uso para contribuir cada vez mais com sua prática diária, além disso, cabe ao professor implementar, em seu dia-a-dia, novas vivências e trocas com outros profissionais da área, para que nessa troca mútua surjam novos hori-

zontes a serem desenvolvidos e alcançados. Para o professor nunca há dificuldades em sala de aula, mas sim desafios, que devem ser enfrentados e com certeza podem ser resolvidos.

Ao iniciar o estágio do curso de Especialização, a primeira pergunta que nos ocorreu foi a indagação do motivo de retornar ao espaço da sala de aula como estagiários, já que vivenciamos há mesma experiência a tempos atrás como alunos de graduação e, em alguns casos, sem ainda um discernimento crítico. Pensamos que os quatro anos do Bacharelado em Letras e as disciplinas teóricas da Faculdade de Educação já tinham fornecido todas as informações possíveis da prática educacional. Porém quando nos lançamos no espaço universitário, comprovamos que realmente não sabemos nada ou quase nada da prática em sala de aula, e que esta, independente da quantidade de leitura que um indivíduo possa ter, exige uma formação continuada e uma prática constante do professor em querer atualizar-se para estar mais próximo à realidade de seus alunos em sala de aula.

Só saberemos se dominamos um determinado conteúdo quando o colocarmos em prática, porém quando estamos em sala de aula, exercendo nossas funções de regentes de turma, não somos capazes de avaliar nossas próprias falhas, para que possamos analisá-las e modificá-las. Assim consideramos a prática desse estágio como um instrumento de grande contribuição, pois à medida que avaliamos e criticamos o trabalho do outro, podemos também identificar as mesmas incongruências em nossa maneira de transmitir saberes diariamente, tornando-nos seres capazes de constantes mudanças em prol de uma educação de qualidade e crítica.

Tendo em vista o ensino de línguas estrangeiras, na era da globalização econômica e cultural não podemos contar apenas com especialistas em suas áreas de conhecimento, mas sim aqueles que buscam aplicar, na sua rotina diária, conhecimentos relacionados às artes e às línguas estrangeiras, por e-

O ENSINO DE LÍNGUAS

xemplo. A rápida inserção no mercado laboral pressupõe uma formação que busca atender objetivos práticos dos setores a que se dedica o profissional, sejam eles, por exemplo, o do direito, da indústria, o do meio-ambiente, o do turismo e outros. Partimos, pois, do pressuposto que, na contemporaneidade, a vida profissional exige uma mão-de-obra cada vez mais qualificada e capaz de dialogar com os mais diferentes saberes. Devido a nossa aproximação aos países de língua espanhola, notamos de modo cada vez mais recorrente o número de empresas que solicitam profissionais com conhecimento não só da considerada primeira língua de comunicação internacional – o inglês –, mas também do espanhol, por sua relevância no campo das relações sociais. Como forma de atingir tais objetivos, o professor deve reconhecer seu verdadeiro papel como responsável pelo desenvolvimento crítico do alunado, mas para que isso ocorra deve também reconhecer e procurar sanar falhas e carências em sua formação acadêmica.

Constatamos que nunca sabemos tudo. A vida nos revela inúmeras experiências e oportunidades e cabe a essas mostrar os diversos caminhos para o indivíduo. Cabe, em suma, registrar que mais que entregar conhecimentos aos alunos, temos a oportunidade de crescer com eles, porque ensinando é que se aprende, e com certeza esta experiência nos será de grande utilidade num futuro bem próximo.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. (org.). *O professor de língua estrangeira em formação*. Campinas: Pontes, 1999.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 1986.

JUNGER, Cristina S. Vergnano. *Leitura e ensino de espanhol como língua estrangeira: um enfoque discursivo*. Tese de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Doutorado em Letras Neolatinas. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2002.

KLEIMAN, Ângela. *Texto & Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2000.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Um modelo interacional de leitura. **In:** *Oficina de Linguística Aplicada. A natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

SÁNCHEZ, Aquilino. *Los métodos en la enseñanza de idiomas: evolución histórica y análisis didáctico*. Madrid: SGEL, 1997.

SEDYCIAS, João (Org.). *O ensino de espanhol no Brasil*. São Paulo: Parábola, 2005.

SOLÉ, Isabel. *Estrategias de lectura*. 4ª ed., Barcelona: Graó, 1994.